

A IDENTIDADE COMO REPRESENTAÇÃO SOCIAL¹

Maria Antonia Alonso de Andrade

A noção de identidade

A noção de identidade é objeto de pesquisa de várias disciplinas da área de Ciências Humanas onde vem sendo tratada sob perspectivas e abordagens diversas.

O grande divisor de águas é aquele que diferencia as abordagens de tipo individualista daquelas que consideram existir uma "interestruturação da identidade individual e das identidades sociais (Malrieu, 1979). Esta última posição equivale a admitir uma interdependência entre o Eu individual e o social, entre a identidade do indivíduo (l'identité de soi) e a "consciência coletiva" ou mais especificamente a "consciência de grupo" (Chebel, 1986, p.63).

A perspectiva individualista minimiza, ou ignora, os componentes sociais do processo identitário.

Malrieu distingue três perspectivas individualistas:

¹ Este artigo é uma versão corrigida de uma secção do capítulo II da nossa tese de doutorado (Alonso de Andrade, 1995).

1. Os biólogos e "constitucionalistas" (de constituição ou conformação de um ser), para quem a identidade é a expressão de uma estrutura orgânica, contendo um sistema de traços e disposições. É a chamada escola "caracteriológica", dedicada ao estudo do conjunto de "traços permanentes" dos indivíduos que, pretensamente, determinariam ou influenciariam seu comportamento. Firma-se na convicção da imutabilidade daquelas disposições físicas e psíquicas e de sua transmissibilidade por herança. As problemáticas das "tipologias nacionais", do "caráter nacional" e da "personalidade tipo", pertencem a esta perspectiva (Chebel, 1986).

2. a psicologia social anglo-saxônica, para a qual a identidade é uma "organização de atitudes".

3. a abordagem psicanalítica para a qual a identidade "parece forjar -se essencialmente nos dramas e conflitos psicológicos da infância" (Malrieu, 1979).

Contrariamente à perspectiva individualista, e para além das próprias divergências, a "escola francesa" tem uma orientação comum: a articulação do fenômeno da identidade ao social (Chebel, 1979)².

Pertencem à escola francesa, entre outros, a corrente de psicologia social cujo pioneiro foi Moscovici, o seminário de Lévi-Strauss sobre identidade, o centro Royaumont³ e os pesquisadores reunidos no congresso de Toulouse (Tap, 1979).

O seminário de Lévi-Strauss colocou o problema da construção - desconstrução da identidade do ponto de vista da pluridisciplinaridade e da forma como a questão se coloca nas sociedades e culturas que não se regem pela racionalidade ocidental como os Bororo ou os povos africanos Samo e Mossi. O seminário estabeleceu uma comparação entre estes povos e grupos da Europa oriental e do este da França. Verificou-se que todas essas sociedades consideram a identidade não como uma "substância" mas como uma multiplicidade de elementos construídos e reconstruídos de formas diversas segundo as sociedades consideradas.

² Chebel entende por "escola" as grandes linhas ou direcionamentos dados por pesquisadores de uma mesma área científica, à pesquisa sistemática sobre determinada temática. Usaremos o termo neste sentido.

³ L'Unité de l'homme, colloque de Royaumont, C.R.S.H., Textes rassemblés par Edgar Morin, Massimo Piattelli, Seuil, 1973.

Portanto, a identidade cultural de cada povo seria exatamente a forma específica de "conectar" e "desconectar" uma série de elementos culturais em geral partilhados por todas as culturas (a atribuição de um nome, regras referentes ao casamento, ao grupo, ao incesto, uso e construção do espaço, atribuição de status e funções sociais etc...) (Lévi-Strauss, 1977).

As considerações a seguir fundamentam-se basicamente na "escola" francesa.

A construção da identidade: o processo de articulação do individual e do social

A noção de identidade tenta responder a uma questão básica: "quem sou eu?", que se desdobra em uma segunda: "quem sou eu para os outros?". Ou ainda: "como me vejo?", "como penso que os outros me vêem?" e mais: "como os outros me vêem da fato?".

Várias pesquisas com metodologias diversas estudaram empiricamente a questão da identidade, em diversos grupos humanos, pedindo, basicamente, que as pessoas respondessem a estas indagações.

A abordagem individualista, e mais especificamente a psicanalítica, enfatiza a formação da "proto identidade", do Eu individual (*l'identité de soi*), fazendo uma espécie de arqueologia da psiqué para descobrir os primeiros fundamentos, a gênese e evolução da identidade. Chabel atribui o nascimento da noção de identidade ao psicanalista alemão Erik H. Erikson. A psicanálise teria sido, então, a ciência contemporânea pioneira dos estudos sobre o fenômeno identitário, devendo-se a Erikson muitas das noções até hoje utilizadas (Chebel, 1986).

A ênfase no vínculo orgânico entre a "protoidentidade" e a identidade social do indivíduo, própria da abordagem sociológica, corresponde a reflexões mais recentes, sendo hoje um consenso nas Ciências Humanas.

A afirmação de Chebel, de que não há uma cisão entre a identidade individual e a identidade política, pois haveria entre elas uma "continuité de nature", poderia estender-se a qualquer faceta da identidade. Num mesmo indivíduo convivem diferentes formas de identidade (homem/mulher, adolescente/adulto, católico/protestante, trabalhador/patrão, esquerdista/direitista...). Em diferentes momentos da vida uma destas formas pode

tornar-se predominante, mas não existiria uma verdadeira identidade, se a pessoa não tivesse a consciência de ser uma pessoa, de ter uma "identidade global", que integrasse todas as "identidades fracionárias" (Benassar, 1979).

Vários autores assinalam este aspecto "cumulativo" da identidade, assim como o fato de, ao longo da vida, haver sucessivas mudanças de identidade (por exemplo, o caso dos migrantes, dos convertidos etc...).

Apesar dos eventuais desequilíbrios (des-identidades ou movimentos disjuntivos do processo identitário), haveria uma certa permanência em meio às mudanças. Chebel representa imaginariamente este fluxo através de um "eixo identitário" (axe des identités), que ligaria os vários "nódulos identitários" (noeuds identitaires), situados numa espécie de espiral do tempo. Trata-se de uma noção assemelhada à do "núcleo duro" (noyau dur) da representação em psicologia social (Abrieu, 1989, Zavaloni, 1972). O núcleo duro é o elemento que favorece a permanência, assimilando as mudanças.

Este "eixo" ou "núcleo identitário" equivale à expressão "forma de reconhecimento preferencial" de Penna, que designa a identidade auto-atribuída como especialmente significativa, pelo ator social, num determinado momento de sua vida. Esta significação faz com que ela se torne "constitutiva da integralidade do agente social" (Penna, s/d).

Quer dizer, o "eixo ou núcleo identitário", a "forma de reconhecimento preferencial", é que daria organicidade à identidade do agente social.

Esta forma preferencial de auto-reconhecimento é fundamental nas lutas e/ou movimentos sociais onde se objetiva o reconhecimento externo de alguma identidade diferenciada (Ex.: as lutas das "minorias", negros, mulheres, homossexuais etc...).

A significação dada ao núcleo central da identidade, ou núcleo identitário, pode variar, e de fato varia, ao longo da vida dos atores sociais (Benassar, 1979, Chebel, 1986, Penna, s/d, Zavaloni, 1972).

Como em todo núcleo central de uma representação as mudanças ocorrem lentamente, só há mudança de identidade quando muda o núcleo central, ou seja, quando muda a estruturação do núcleo. Estas mudanças se dão em decorrência das experiências de vida de cada indivíduo, especificamente, em decorrência da sua inserção nos diferentes grupos sociais.

O núcleo identitário pode girar em torno de uma identidade que polariza todas as outras. Por exemplo, nas nossas pesquisas sobre a cultura política do paraibano, há indivíduos que, antes de mais nada, e acima de tudo, se consideram políticos, todas as outras "facetas" das respectivas identidades são secundárias em relação à identidade política. A perda do reconhecimento pelos outros desta identidade fundamental, como consequência da perda continuada da liderança, do controle político das áreas de influência e/ou do mandato, ocasiona nestes indivíduos verdadeiras comoções psíquicas, não raro acompanhadas de forte depressão.

Outros indivíduos detêm um núcleo identitário em que duas identidades "fracionárias" polarizam e estruturam as restantes, por exemplo os "doblés" de político e empresário.

Ao nível do senso comum, a temática da mudança x permanência, no bojo do processo identitário, se reflete em expressões como: "apesar de tudo continuo o mesmo" ou "hoje eu sou outra pessoa".

Pessoalmente, consideramos que em meio às várias caracterizações ou definições de identidade, as que avançaram mais, em termos de maior precisão de um conceito de identidade, são aquelas que situam a identidade como um fenômeno cognitivo, e mais precisamente como uma representação do ator social, ou seja, uma representação em que o ator social é o objeto de conhecimento.

Vejam algumas definições. Tap vê a identidade do ator social como a cristalização (precipité) atual e provisória de dois processos opostos, porém complementares: a "identification" e a "identification". Pela "identification", o ator social tende a diferenciar-se dos outros, tornando-se autônomo e afirmando-se pela separação. Pela "identification" o ator social integra-se num conjunto mais amplo no qual tende a fundir-se.

A identidade do ator social seria então uma "amalgama" de uma "definição interna" (o sentimento de ser e fazer, o desejo de ser, a imagem de si próprio), e de uma "imagem externa" (o que se espera dele no quadro das identidades coletivas, a imagem que os outros têm dele).

A busca da identidade nunca chega ao fim, é uma eterna reconstrução, em suma, é um processo de personalização (personnalisation) pautado por mudanças pessoais e sociais (Tap, 1979).

Num sentido restrito a identidade pessoal, diz respeito ao sentimento de identidade, ao fato do indivíduo perceber-se como idêntico a si mesmo ao longo do tempo. Num sentido amplo, a identidade seria o sistema de sentimentos e representações pelo qual o Eu se especifica e se singulariza.

Benayoun caracteriza a identidade como um processo que passa por estruturas e reestruturas sucessivas da personalidade. Processo este ao mesmo tempo individual e social. A identidade seria o conjunto organizado de representações, conhecimentos e lembranças que permitem o reconhecimento de um grupo, ou de um indivíduo daquele grupo, pelos seus membros e pelas outras pessoas (Benayoun, 1979).

Para Chebel a "identificação" é o processo pelo qual o indivíduo adquire uma identidade. A identidade seria o estado da pessoa, num determinado momento de sua existência, no que diz respeito ao processo de identificação. A identidade é vista pelo autor como um fenômeno cíclico à eterna procura de uma estabilidade necessariamente frágil. Embora toda identidade seja conflitiva, sua organização é suficientemente coerente para poder integrar as forças divergentes do Eu em formação. Ou seja: a identidade é uma estrutura subjetiva relativamente estável no tempo, embora tolerando mudanças, que tem por princípio fornecer uma ligação coerente das diversas facetas do Eu.

A identidade é definida por Chebel como: "une structure subjective caractérisée par une représentation de soi, déduite de l'interaction entre l'individu et les autres - condition préalable pour qu'il y ait effectivement identité: se reconnaître Um et être reconnu comme tel par les Autres - et le milieu (comme agent matériel de l'identification)" (Chebel, 1986: 35).

Para o autor esta representação que está na base da identidade é o resultado de uma evolução psico-biológica e de uma marca (empreinte) ou demarcação social. Existiria uma interdependência entre o Eu individual e o "socius", entre a identidade do indivíduo (identité de soi) e a consciência coletiva ou mais especificamente a consciência de grupo (op. cit.).

Como Tap, Chebel caracteriza o processo de formação da identidade como um processo de "personalização" que traduziria toda uma série de fatores numa "unidade significante".

Chebel apoia-se, entre outros, no conceito de identidade psicossocial de Zavalloni para mostrar a interdependência entre o Eu e o Socius.

"Le concept d'identité psycho social désigne donc le noyau central de la personnalité individuelle, sorte de précipité formé de composantes psychologiques et sociologiques (Zavalloni, 1972, citada por Chebel, 1986).

Para a autora a identidade é a representação social do Eu enquanto ator social. Como para a escola de psicologia social francesa, a representação social é uma estrutura cognitiva, a definição anterior significa que Zavalloni considera a estruturação da identidade como um processo cognitivo.

Para Codol, o saber sobre si é a fonte do sentimento de identidade pessoal. O processo de estruturação da identidade é também considerado um processo cognitivo como qualquer outro: a forma pela qual um indivíduo se apreende a si mesmo cognitivamente, aciona os mesmos mecanismos que presidem qualquer apreensão cognitiva (processos de identificação, de reconhecimento, de categorização, registro seletivo e simplificador apenas daquilo que é significante para o indivíduo etc...).

A descrição do processo cognitivo feita por Codol é praticamente a mesma da estruturação das representações sociais em quanto saber de senso comum, tal como abordado pela escola de psicologia social francesa que segue a linha da Moscovici (Codol, 1979, Moscovici, 1961, 1969, 1984, 1989, Jodelet 1989).

Penna concebe a "identidade social" como "representação e como forma de classificação, que expressa necessariamente e explicitamente, tanto a nível do grupo como do indivíduo, a problemática do reconhecimento social, estreitamente vinculado às relações de poder" (Penna, 1990).

Ou seja, o reconhecimento social envolve a disputa em torno de critérios para a classificação de grupos e para o enquadramento dos indivíduos dentro de determinados grupos.

Para a autora as identidades devem ser tratadas como "formas de reconhecimento mas, no jogo social do reconhecimento, as imputações de identidade pretendem atribuir uma "essência" ao objeto representado. A rigor

o que se disputa é "o poder simbólico de estabelecer a interpretação legítima do mundo social" (Bourdieu, 1977, citado por Penna)⁴.

A identidade "não estaria nas coisas", não seria pois uma "essência", algo objetivo, uma condição (a condição de nordestino ou de mulher, por exemplo), mas estaria "no modo como estas condições são apreendidas e organizadas simbolicamente" (Bourdieu, 1977, citado por Penna.).

A abordagem de Penna aproxima-se do pensamento de Chebel (1986: 56) quando este compara o processo de identificação ao processo do discurso: "Pour son identification, l'individu concret assume une lecture sociale de son moi intégré... l'identification est une grille de lecture, un système de décryptage des signaux collectifs, mais aussi, em tant que mécanisme psychologique, une défense efficace".

A identidade seria "um certo discurso da sociedade", uma espécie de "révélateur" desta sociedade, "um dos raros parâmetros não quantificáveis com poder de explicitação de todas as rupturas da esfera social e política". Falando da identidade política afirma o autor: "... l'identitaire politique contient em lui une interpretation de la discontinuité et de la déchirure" (Chebel, 1986: 200).

Quer dizer, a identificação, a atribuição de identidades, faz parte de um processo amplo de interpretação, de leitura do mundo, ou seja, faz parte de um certo discurso sobre o mundo.

Baseados em todo o exposto anteriormente, podemos concluir que, dentro da perspectiva de articulação do fenômeno identitário ao social, que caracteriza a "escola francesa", há alguns pontos essenciais em que se chegou a um consenso:

1. o entendimento da identidade como um fenômeno construído de forma dinâmica e dialética, conseqüentemente provisório. Ou seja, a identidade não se define como uma essência, conteúdo ou condição, mas é vista como um processo identitário, como um processo de personalização;

2. a identidade, ou processo identitário, é de caráter cumulativo, quer dizer, o indivíduo reveste-se de múltiplas identidades, mutantes,

Penna cita o artigo de Bourdieu "Sur le pouvoir symbolique". *Annales: économie, sociétés, civilisations*. Vol.32, num.3, 1977.

contraditórias entre si até, mas que mantêm uma certa organização, coerência e estabilidade:

3. enquanto processo representativo, o processo identitário é a manifestação simbólica do homem como uma totalidade indissociável da própria totalidade social pois o processo identitário é ao mesmo tempo individual e social, ou seja, supõe uma interestruturação, uma interdependência, entre a identidade individual e a identidade social de um ator social em que componentes psicológicos e sociológicos vinculam-se organicamente;

4. o processo identitário se constrói no confronto da similitude e da diferença. Enquanto ator social, o indivíduo integra-se em grupos, nos quais tende a fundir-se, assumindo diferentes identidades coletivas, e identificando-se portanto com aqueles grupos, tendo o sentimento de fazer parte deles. Simultaneamente, o ator social tende a diferenciar-se, tornando-se autônomo e afirmando-se como indivíduo;

5. a identidade é uma representação do ator social, ou seja, é uma representação social em que o agente social é o objeto de conhecimento;

6. enquanto representação social, o processo identitário é um processo cognitivo, que faz parte de um processo discursivo mais amplo, de interpretação da sociedade, do mundo, que se desenvolve ao nível da disputa pelo poder simbólico;

7. a temática da identidade só pode ser abordada num esforço interdisciplinar em função da própria natureza do processo identitário, organicamente estruturado com base em elementos psicológicos e sociológicos. Portanto, se faz necessária a convergência dos instrumentos analíticos das várias ciências humanas, da psicanálise à sociologia, objetivando o avanço dos estudos sobre a identidade.

Bibliografia

ABRIC, Jean Claude. "L'Étude expérimentale des Représentations Sociales". **Les Représentations Sociales**. Org. Denise Jodelet. Paris: PUF, 1989, pp. 187-203.

- ALONSO DE ANDRADE, Maria Antonia. **As representações sociais da política. Por uma redefinição do conceito de cultura política.** Tese de Doutorado em Sociologia. UNB, 1995.
- BENASSER, Bartolome. "Avant Propos". **Identités Collectives et Changements Sociaux - Production et Affirmation de L'Identité.** (Org. Pierre Tap). Colloque International de Toulouse. Toulouse: Ed. Sciences de L'Homme, 1979.
- BENAYOUN, Joelle. "Un Approche de l'Identité Juive". In **Identités Collectives et Changements Sociaux. Production et Affirmation de L'Identité.** (Org. Pierre Tap.) Colloque International de Toulouse. Toulouse: Ed. Sciences de L'Homme, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. "Sur le pouvoir symbolique". **Annales: économies, sociétés, civilisations.** Vol. 32, num. 3, 1977.
- CHEBEL, Malek. **La Formation de L'Identité Politique.** Paris: PUF, 1986.
- CODOL, Jean Paul. "La quête de la similitude et de la différenciation sociale. Um approche cognitive du sentiment d'identité". **Identités collectives et changements sociaux. Production et affirmation de l'identité.** Vol. II. Colloque International. Toulouse: Ed. Sciences de L'homme, 1979.
- JODELET, Denise. "Representation Sociale: Phénomene, Concept et Théorie". In **Psychologie Sociale.** (Org. Serge Moscovici). Paris: PUF, 1984, pp. 357- 379.
- _____. "Représentations Sociales: um Domaine em Expansion". **Les Représentations Sociales.** (Org. Denise Jodelet). Paris: PUF, 1989 pp. 31-61
- LEVI-STRAUSS, Claude. **L'Identité.** Paris. Grasset, 1977.
- MALRIEU, Phillipe. "Genese des conduites d'identité". **Identités Collectives et Changements Sociaux - Production et Affirmation de L'Identité.** Colloque International de Toulouse. (Org. Pierre Tap.) Toulouse: Ed. Sciences de L'Homme, 1979.
- MOSCOVICI, Serge. **La Psychanalyse son Image et son Public (1961).** 2^a ed. Paris: PUF, 1976.
- _____. "Preface". **Santé et Maladie (1969).** 3^a ed. Claudine Herzlich. Paris: Mouton, 1975. pp. 7-12
- _____. **Psychologie Sociale.** Paris: PUF, 1984
- _____. "Des Représentations Collectives aux Représentations Sociales: Elements pour une Histoire". **Les Représentations Sociales.** (Org. Denise Jodelet.) Paris: PUF, 1989, pp. 62-86.

PENNA, Maura Lúcia. **O que Faz ser Nordestino: a Questão das identidades Sociais e o Jogo de Reconhecimento no caso Erundina.** Tese de Mestrado em Ciências Sociais. UFPB. João Pessoa, 1990.

Por um conceito de Identidade para as Sociedades Complexas. João Pessoa (mimeo). s/d.

TAP., Pierre. Identités Collectives et Changements Sociaux. Production et Affirmation de L'Identité **VVAA**. (Org. Pierre Tap.) Colloque International de Toulouse. Toulouse: Ed. Sciences e L'Homme, 1979.

ZAVALLONI, Mariza. "L'identité psychosociale. Un concept à la recherche d'une science". **Introduction à la Psychologie Sociale.** (Org. Serge Moscovici) Paris: PUF, 1972.